

Editorial

Ao chegar ao fim do seu segundo ano de existência, à época das festas de fim de ano de 2013, *Psicologia e Saber Social* espera estar brindando o seu público leitor com mais um Número de qualidade acadêmica no domínio da psicologia social.

Esse presente natalino envolve três artigos teóricos e cinco estudos empíricos. Estes últimos têm como foco importantes questões de ordem psicossocial no âmbito da sociedade brasileira contemporânea, num leque em que predominam (dois artigos) os relacionamentos afetivos em sua configuração romântica e nas conflituosas relações que eles assumem na adolescência. Outros dois dos estudos empíricos se inserem na tradição primordial dos estudos em representações sociais que envolve a relação entre estas e a ciência. Um objeto mais próximo na vida cotidiana – a hipertensão arterial – e um mais distante – a clonagem humana – são os alvos desses dois estudos. Um último estudo versa sobre a relação entre cultura e educação, em suas respectivas acepções acadêmicas, mas também em como elas se interpenetram nas práticas educacionais.

Ainda quanto a esses estudos empíricos, é possível que o julgamento de que eles tratam de “importantes questões (...) da sociedade brasileira contemporânea” encontre resistências entre psicólogos sociais brasileiros que recusam a pesquisa de uma “sociedade capitalista” (como a brasileira) simplesmente em termos de “como ela é”, na medida em que tomam como sua missão a transformação de tal sociedade. Com efeito, pelo menos em alguns aspectos, o estado atual da sociedade brasileira pode parecer insatisfatório à maioria dos psicólogos sociais brasileiros enquanto cidadãos. Mas, como cientistas sociais, sabem que a sociedade e a ciência esperam deles algo mais do que podem oferecer como cidadãos. Esse algo mais não é outra coisa senão uma descrição rigorosa e uma análise teórica pertinente dos fenômenos psicossociais da vida cotidiana na “sociedade brasileira como ela é”. Pois que de outro modo se poderia chegar a conhecer tal sociedade como ela é segundo as crenças, as atitudes e as representações dos estratos populacionais que a compõem? Infelizmente, não se sentirão ora presenteados pela Revista os colegas “mais apressados” que acreditam já deter um conhecimento verdadeiro e suficiente sobre a sociedade – não importando o quanto este possa se distanciar do saber socialmente construído pela população –, que os autorizaria a advogar e a militar por medidas, comumente de uma outra ordem que não a psicossocial, que julgam eficazes para produzir as modificações desejadas.

Essa possibilidade de que uma parte dos estudiosos e estudantes que se auto-inserem no domínio da psicologia social não encontre na nossa Revista uma “zona de conforto” para a apresentação de seus trabalhos encontra-se já alertada na política editorial da Revista, mas não deixa de ser útil e esclarecedor reapresentá-la com frequência e em termos mais específicos nos nossos Editoriais, como tem sido feito.

Quanto aos três artigos teóricos ora publicados, vale a pena comentá-los um de cada vez, para melhor ressaltar a importância de todos. O primeiro versa sobre os sentimentos de culpa e vergonha e é devido a Serge Moscovici, mas não se vincula diretamente ao campo de estudo das representações sociais, pelo qual o autor é mais lembrado e explorado na psicologia social. Já o segundo artigo, de autoria de um colega português, traz justamente como foco de uma rigorosa análise crítica a teoria das representações sociais. E o terceiro, em inglês mas de lavra brasileira, constitui um forte investimento de sistematização

conceitual no domínio do pensamento social, em cuja arquitetura é incluído o próprio *constructo* de representação social.

Em outras palavras, o que esses três artigos teóricos proporcionam aos nossos leitores é precisamente o que nós acreditamos que deva ser trazido como questões básicas à consideração dos estudiosos e estudantes brasileiros de psicologia social. O primeiro artigo, de Moscovici, inédito em francês, mostra que um autor não precisa ser prisioneiro da sua própria teoria, mas pode explorar outras dimensões da vida humana não inteiramente equacionadas por ela, como os sentimentos, no presente caso. No processo contínuo de construção do conhecimento científico ao qual tem dedicado sua vida, Moscovici busca contribuições de origens extremamente diversas, que, no presente caso, vão desde a ética filosófica até as demonstrações experimentais de Milgram sobre a obediência à autoridade, para tratar da culpa e da vergonha nas sociedades contemporâneas como fenômenos cujas causas se encontram nessas sociedades mesmas, em suas variadas representações sociais, mas também em seus códigos de valores éticos e nos arranjos secundários (nos termos de Goffman) que nelas proliferam. Possivelmente, tudo isso parecerá sem sentido para aqueles que tomem a “culpa” e a “vergonha” como meros valores burgueses arcaicos e que, pois, seria uma total perda de tempo estudá-las a sério.

O segundo artigo apresenta da forma mais direta possível as dificuldades que a teoria das representações sociais enfrenta hoje para se manter como uma perspectiva psicossocial válida no âmbito europeu, acreditando-se ser mesmo possível que venha a dele desaparecer. O muito que a América Latina tem feito em termos de um aumento significativo da pesquisa empírica também não satisfaz, segundo o autor, pois carece de fundamentação teórica específica prévia para cada tipo de problema estudado. A mera referência contínua aos processos de formação (ancoragem e objetivação) e/ou aos estados atuais (sistemas central e periférico) das representações acaba por constituir apenas um “portfólio” que exhibe numerosas variantes da mesma coisa. O autor ainda vislumbra uma possibilidade de “redenção” do campo das representações sociais, que dependeria de avanços e refinamentos conceituais e teóricos em níveis específicos tais como aqueles (porém com restrições) das microteorias encorajadas por K. Lewin. Não obstante, a formulação original de Moscovici manteria o *status*, bem caracterizado por Doise como uma “grande teoria”, ou seja, “concepções gerais sobre o funcionamento individual e/ou societal” que orientam a pesquisa, como uma espécie de mapa geral que não perderia seu valor com a construção de mapas específicos.

O terceiro artigo teórico recupera, ao mesmo tempo em que submete a uma rigorosa prova de consistência conceitual, proposições anteriores de M-L. Rouquette e outros autores, formuladas à mesma época e nos mesmos ambientes institucionais em que se desenvolvia, sob a liderança de J-C. Abric e com a colaboração também desses autores, a abordagem estrutural das representações sociais, a qual, para C. Flament, contribuía para que a teoria das representações sociais se tornasse mais heurística para a pesquisa científica. De fato, tanto a abordagem estrutural complementar de Abric quanto o *constructo* integrativo de uma arquitetura do pensamento social de Rouquette parecem ter bem correspondido, à sua época, àquilo que o autor do artigo anterior, Valentim, “cobrava” como avanços e refinamentos de ordem menos geral que a da teoria original de Moscovici. Se hoje precisamos fazer avanços ainda maiores e mais específicos, talvez se possa persegui-los a partir de uma perspectiva ainda não suficientemente testada, que abre uma possibilidade de

articulação descendente entre o que é mais geral no estudo do pensamento social (as ideologias), passando pelas representações sociais, até as menos organizadas de suas instâncias, as opiniões.

Culpa e vergonha estão, por certo, presentes nos relacionamentos românticos e naqueles em que a ambivalência adolescente predomina regida pelas relações de gênero, nas sociedades contemporâneas. A população brasileira, em especial, conhece tais sentimentos e relacionamentos através das novelas televisivas e, quanto aos seus desfechos mais dramáticos, pelas seções policiais dos jornais impressos e televisados. Cultura e educação, clonagem humana e hipertensão arterial talvez recebam um foco menor de tratamento pela televisão, mas pelo menos a clonagem já foi tema título de uma novela. Em *Psicologia e Saber Social*, tais temáticas, conquanto diferentemente abordadas em termos teóricos e metodológicos, trazem já analisadas as influências da comunicação de massa e são, pois, apresentadas aos leitores como uma boa parte da “sociedade brasileira como ela é”. Para fazer melhor do que isso, continuaremos – os autores e os editores – a nos engajar na discussão crítica e no avançar da psicologia social, que constitui o principal pano de fundo de tudo o quanto é aqui publicado.

Celso Pereira de Sá
Editor Científico